



A CASA DO MAGO DAS LETRAS
LIVROS ELETRÔNICOS



L P Baçan

www.lpbaçan.net
www.portalcen.org
www.viladasartes.org
www.avllb.org
www.perolaparana.net

Direitos exclusivos para língua portuguesa:

Copyright © 2007 L P Baçan

Pérola — PR — Brasil

Edição do Autor. Autorizadas a reprodução e distribuição gratuita desde que sejam preservadas as características originais da obra.

CAPÍTULO 1

Depois de tantas atribuições, nada melhor que aquele fim de semana para devolver-lhe as energias desgastadas ao longo dos dias.

Não deveria ser, no entanto, um fim-de-semana comum, como tantos outros. Nada de cinema, televisão ou teatro. Muito menos jantares ou passeios à beira da praia.

Don MacCoy queria algo especial, relaxante, repousante e emocionante ao mesmo tempo. Algo capaz de distrair-lhe a mente, fazendo-o esquecer-se dos números e das estatísticas.

Ser um dos executivos-chave de uma poderosa organização tinha suas vantagens, mas, em contrapartida, exigia todo o talento e todo o esforço de um homem.

Don sempre fazia sua parte, mas aquelas duas semanas haviam sido desgastantes ao extremo, apesar de produtivas. Um homem comum teria direito a um mês de descanso depois daquilo.

Para Don MacCoy ou outro executivo qualquer, dois dias inteiros eram mais do que suficiente. Na semana seguinte tudo recomeçaria.

Estava em dúvida a respeito do programa, quando David Morgan, Relações-Públicas da empresa, entrou no escritório. Era sexta-feira e hora do almoço.

— Tudo bem por aqui, Don? — indagou David.

— Não podia ser melhor... — suspirou Don.

— Parabéns pela brilhante exposição à assembléia. Foi um trabalho de primeira. Você os conquistou logo nos primeiros minutos.

— Por favor, não me fale nisso, pelo menos nos próximos cinco anos — sorriu Don. — Quer tomar alguma coisa?

David consultou o relógio, antes de concordar com um aceno de cabeça.

— Uísque puro, não?

—Sim, como sempre.

Don foi até um motel e abriu, revelando um bem montado bar particular. Serviu dois copos e levou um deles até David. Em seguida, deitou-se no amplo sofá diante da escrivaninha.

David foi apoiar uma das pernas no canto da mesa, olhando o amigo.

— Você me parece cansado mesmo, Don.

— E estou.

— Que tal algo estimulante para relaxá-lo e revigorá-lo totalmente?

— Eu estava justamente pensando num programa assim para o meu fim-de-semana.

— Sei de algo capaz de operar milagres num homem cansado. Eu mesmo posso lhe afirmar isso.

— E em que consiste esse milagre?

— Massagens.

— Massagens?

— Sim, massagens.

— Ora, David, duas vezes por semana vou ao ginásio, tomo uma sauna e me submeto a uma sessão de massagem. Não será isso que fará de mim um novo homem neste fim-de-semana.

David sorriu como se as palavras do amigo nada mais revelassem senão uma ingenuidade a toda prova. Tomou um gole de uísque, procurando fazer suspense.

Don aproveitou para pensar onde almoçaria naquele dia. Não tinha compromissos nenhum com clientes e poderia escolher livremente.

— Quer mesmo saber? — indagou David, continuando seu jogo de suspense.

— Você acha que resolveria no meu caso?

— Resolve em qualquer caso.

— Deve ser rum tipo novo de massagem, não?

— Nada disso. Massagem comum.

— E onde está a diferença, então?

— Na massagista, meu amigo. Que mãos! Que mãos, Don! Quando elas escorregam sobre sua pele, mexendo com seus músculos, são como ferro de marcar eletrizando-o.

— Massagista? Homem ou mulher?

— Mulher, Don, ora bolas! E que mulher, meu amigo! Dessas irretocáveis, sem nada a acrescentar ou tirar, perfeita em todos os seus detalhes.

Don ergueu-se do sofá, encarando o amigo. O entusiasmo de David despertava a sua curiosidade.

— E onde posso encontrar essa maravilha descrita por você? — indagou ele, com certa incredulidade.

— Posso dar-lhe o telefone, mas... Puxa, como não pensei nisso antes — lamentou David, dando um tapinha na própria testa.

— Algum problema?

— Bem, não deixa de ser um problema, agora que cantei as maravilhas daquela garota.

— Agora você me deixou curioso.

— Esqueça, faça de contas que eu não disse nada, está bem? Onde pretende almoçar?

— Ainda não escolhi.

— Que tal o King's Inn?

— Há tempos não vou lá.

— As mesas são servidas por garotas agora, sabia?

— Não, e não precisa me dizer mais nada. Precisamos fazer reserva?

— Lá, não. Tenho cadeira cativa... — riu David, terminando o seu uísque.

Pouco depois desciam até a garagem. David resolveu que fossem no carro dele. Enquanto ele dirigia, Don pensava a respeito da tal massagista.

De certa forma, David o deixava curioso a respeito dela. Seu entusiasmo em descrevê-la deixava transparecer sua opinião a respeito da mulher.

Pelo que Don pudera deduzir, tratava-se de uma bela e maravilhosa mulher. Resolveu insistir no assunto. Afinal, nada encontrara ainda para o seu fim-de-semana. Bem verdade que não poderia pensar em passar todo ele em companhia de uma massagista, mas não deixava de ser um bom começo.

— David, a respeito daquela massagista, qual é o problema.

— Horário, apenas isso. Sua agenda está repleta, pelo menos com uma semana adiantada. Você seria de marcar o dia e a hora. Eu mesmo só voltarei a encontrá-la na próxima quarta-feira.

— Sendo assim, deve ser muito hábil.

— Como é que você não sabe disso ainda? Penso que quase todos os executivos da empresa já a conhecem e vêm tentando o mesmo que eu.

— O mesmo que você?

— Sim, o mesmo que eu.

— Não entendi.

— Agarrá-la, Don. Aquela mulher pode oferecer o paraíso e o inferno a um homem. Quando as mãos dela começam a correr pelo meu corpo, sinto calafrios e excitou-me terrivelmente. Sei que ela percebeu isso, mas foge a toda e qualquer aproximação mais íntima.

— Diabos! — exclamou Don, interessado.

— E tem mais. As massagens dela têm um toque erótico proposital, só pode ser isso. Tocam a gente no ponto mais sensível, empolgando, emocionando, despertando as sensações mais indescritíveis. Deixe-me ainda confessar-lhe algo. Um dia, numa dessas sessões de massagens, cheguei a ter um orgasmo, pode imaginar isso?

— Bem, essa mulher não existe, David.

— Existe e, caso você tenha um pouco de sorte, poderá vê-la.

— Vê-la? Onde?

— No King's Inn. Ela sempre almoça lá, mas seu horário nunca é o mesmo.

— Tomara que eu tenha sorte, então. Uma garota dessas merece ser conhecida e comentada — concluiu Don, com um sorriso ainda incrédulo.

Afinal, David bem poderia estar exagerando os fatos. Massagistas existiam aos montes na cidade de Nova Iorque. Algumas, sob esse pretexto, ainda mais eram que prostitutas disfarçadas.

Essa, porém, pelo que dissera David, talvez fosse uma delas, mas com uma técnica e um requinte inéditos.

Apesar de tudo, seria interessante conhece-la. Talvez resolvesse entrar para a agenda dela e comprovar os fatos. Não deixava de ser estimulante, mas não resolveria seu problema para o fim-se-semana.

Ficar no apartamento ou telefonar para alguma conhecida nada mais seria que repetir. Estava realmente esgotado e precisava de algo especial.

Sua imaginação, no entanto, não conseguia pensar em nada que se enquadrasse dentro daquilo que desejava.

Pouco depois estavam no restaurante. David era muito conhecido ali e, de fato, possuía uma reserva especial. Sua mesa estava ao seu dispor a qualquer momento do dia ou da noite e isso era reservado apenas aos clientes mais importantes.

— Está vendo a mesa ao lado com as flores? — indagou David, assim que se sentaram.

— Sim, muito perfumada e feminina, não acha?

— Advinhe a quem pertence essa reserva?

— Deixe-me ver... A rainha da Inglaterra... — riu Don.

— Fale sério.

— Depois de tudo que você me falou hoje, sou capaz de apostar que pertence à sua massagista.

— Acertou.

— Você deve estar caído por ela.

— Não, não é essa a questão. Creio que há, entre todos os clientes dela, uma guerra para descobrir quem será o primeiro a vencê-la. O que vai tomar? — acrescentou David, com a chegada do garçom.

Don fez sua escolha e pediu uísque. David fez o mesmo e, enquanto aguardavam, olhavam para aquela mesa vazia ainda.

Toda aquela conversa despertara a imaginação de Don. A presença de uma garota tornou-se indispensável para tornar seu fim-de-semana algo inesquecível.

O problema ainda continuava, no entanto. Não seria fácil escolher entre todas cujos telefones constavam de seu caderninho, de endereços.

Talvez a melhor pedida fosse uma garota nova, uma aventura descoberta especialmente para o fim-se-semana. Seria interessante isso.

Estava justamente observando as mulheres ali no salão, quando seus cílios se fixaram numa delas que acabava de entrar.

Era loura e alta. Um vestido acinturado era responsável pela tentação que parecia envolvê-la. Sua beleza era indescritível, fascinante realmente.

Don tentou descrevê-la a si mesmo, mas ela estava além das palavras. Um rosto de linhas suaves e atrevidas ao mesmo tempo, como se ingenuidade e malícia ali convivessem nas mais sublime harmonia.

Quando ela caminhou por entre as mesas, seu porte de rainha chamou a atenção dos homens e despertou a inveja das mulheres.

Havia elasticidade e graça em seu andar. Talvez fosse uma bailarina, uma ginasta, uma trapezista de circo, qualquer coisa exótica e misteriosa.

Ao voltar-se para David para comentar com ele aquela figura, teve uma surpresa. Os olhos do amigo estavam parados, como se adorassem a mais sublime imagem capaz de enternecê-

lo e tentá-lo.

Não era necessário perguntar de quem se tratava. A resposta estava estampada no rosto de David.

— É ela? — indagou Don, apenas para confirmar.

— É! — respondeu David, extasiado.

A garota parou ao lado da outra mesa. Um garçom solícito afastou rapidamente a cadeira para que ela se sentasse. Ao se acomodar, os olhos dela realizaram um rápido reconhecimento ao seu redor.

Por uma fração de segundo seu olhar encontrou-se com o de Don, que não chegara à conclusão alguma a respeito do que estava vendo.

Recusava-se a acreditar que aquela mulher diante dele era apenas uma simples massagista, como tantas outras garotas.

Havia fascínio e mistério ao redor dela e Don pode entender o motivo do entusiasmo de David. Estar com aquela garota, sentir suas mãos percorrer a pele, excitar-se com uma proximidade perigosa, tudo isso era mais do que suficiente para impressionar um homem e cativá-lo inapelavelmente.

— Muito profissional... Uma verdadeira dama! — exclamou David.

— Como disse?

— Você viu como ela agiu? Eu e ela nos conhecemos bem, quase intimamente, mas ela não demonstrou nada disso. Agiu com a mais perfeita classe. É uma garota fascinante.

Don voltou a olhar a garota e, por momentos outra vez, seus olhares se cruzaram. Um calafrio subiu pela espinha de Don, fazendo-o estremecer.

O verde daqueles olhos lembrava o mar com seus mistérios e fascínio, com seus tesouros ocultos e seus perigos inimagináveis.

Olhando-a, era fácil entender porque os homens se metiam em aventuras loucas, desafiando oceanos ou montanhas, vasculhando o céu, buscando as estrelas.

A essência do perigo, o gosto pela aventura, a compensação na mais forte sensação, tudo isso era compreensível. A figura daquela mulher despertava fantasias, era estimulante e

repousante, misturando as mais contraditórias sensações num só momento.

— O que achou dela, Don? — indagou David, o rosto numa expressão beata e extasiada.

— Fantástica! — exclamou Don.

— Agora apenas imagine aquela garota ao seu lado, uma blusa sem mangas e um short menor que seu pensamento. Aquelas mãos maravilhosas pressionando suas carnes, subindo e descendo, beliscando sua pele, fortificando seus músculos, enlouquecendo seus pensamentos...

— Entendo perfeitamente isso, mas diga-me uma coisa: ela está sempre só?

O rosto de David exibiu uma expressão indefinível, enquanto ele balançava a cabeça de um lado para outro.

— Hoje um, amanhã outro, quem sabe?

— Nada fixo?

— Nada.

— E o que ela faz nos fins-de-semana? — indagou ele, percebendo que aquela seria uma descoberta fantástica.

— É o que eu gostaria também de saber.

— Por que não me apresenta a ela?

— Apresentá-lo? Está brincando! Há um código de honra entre os clientes de Susy Campbell, meu amigo.

— Susy Campbell?

— Sim, esse é o nome dela. Como eu dizia, há um código de honra entre nós. Cada um espera seu momento, sua chance de tentar. Eu mesmo já a venho convidando há pelo menos dois meses, sem sucesso.

— Apenas para almoçar com ela?

— Não se trata apenas de almoçar com ela. É uma abertura, uma possibilidade, uma

chance de se tornar íntimo dela, fugindo àquele relacionamento estritamente profissional que ela impõe com uma classe insuperável.

— Caramba! Isso é muito complicado, não acha?

— Como vê, suas esperanças de fim-de-semana com ela são remotas.

— Eu não falei em fim-se-semana com Susy Campbell ainda...

— É preciso? — riu David.

Don desistiu de argumentar. De fato, a coisa mais importante naquele momento era observar aquela garota. Seus olhos se concentraram nas mãos dela.

Dedos longos, unhas bem aparadas e esmaltadas chegando ao cúmulo de combinar com o vestido. Apesar disso, suas mãos eram femininas, terrivelmente femininas.

— O que aconteceria se eu fosse até a mesa dela e me apresentasse? — indagou Don.

— Seria uma heresia, uma quebra nesse código de honra que, apesar de não estar estabelecido, existe entre os clientes dela.

— Bem, eu não sou cliente dela.

— Pior para você.

— Pois vou até lá.

— Ela nem olhará para você.

— Quero ver isso — arrematou Don, levantando-se.

CAPÍTULO 2

Ao se aproximar da mesa, Don sentiu aumentar a intensidade daqueles calafrios. A garota levantou os olhos para ele e, por instantes, ele teve a impressão de que seu corpo flutuava.

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

